

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*

MAURO GUIMARÃES — *Diretor*

FERNANDO PÊDREIRA — *Redator Chefe*

MARCOS SÁ CORRÉA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*

JOSÉ ALVES — *Secretário Executivo*

Conceitos de Risco

AS reuniões do Fundo Monetário Internacional de que o Ministro Dílson Funaro participou em Washington deixaram claro que mudou não apenas a agenda, mas ainda o meio ambiente em que os problemas de devedores e credores estão sendo discutidos.

Ao contrário da década de 70, que foi marcada pela alta contínua dos preços do petróleo e das taxas de juros, a segunda metade da década de 80 promete terminar sob o embalo de altas taxas de crescimento industrial nos Estados Unidos e na Europa, com os preços do petróleo em queda e os juros também regredindo.

Persistem, ainda, algumas incógnitas, como o tratamento que o Governo Reagan dará ao déficit público dos Estados Unidos, mas o somatório de todos os fatores econômicos relevantes é, neste momento, otimista para as nações industrializadas. Dois grandes fantasmas abatem-se, porém, sobre as nações de segunda e terceira linha: o primeiro, o da dívida externa, um **handicap** que as obriga a canalizar todos os anos para o exterior parcelas substanciais de seu produto sob a forma de juros; o segundo, de características mais interna e estruturais, é a inabilidade de muitas nações para resolverem suas próprias crises endêmicas de baixa produtividade e ineficiência estatal. É difícil caracterizar as margens em que uns e outros problemas se encontram, mas é certo que programas com os que estão em marcha no Brasil para reciclar a economia, reconduzindo o país a novos

padrões de estabilidade da moeda e dos preços, merecem ser considerados pelos credores.

Não é possível adotar o mesmo diagnóstico e a mesma receita para problemas que mudam dinamicamente com o tempo. O caso brasileiro é típico, pois não se congelam preços e salários sem um grande empenho nacional e um compromisso global com correções profundas de rumo.

Nesse contexto, é preciso que as nações credoras assumam também a parte da carga de uma responsabilidade que é de todos. Os países em desenvolvimento não podem mais, nem devem, basear seus modelos de crescimento através do endividamento. Espaços devem ser abertos para o ingresso de capital de risco que poderá se fixar, em países como o Brasil, com excelentes possibilidades de retorno. Basta olhar para a recompensa das empresas que no passado fizeram aqui grandes aplicações na indústria automobilística, mecânica e em inúmeros outros setores, e que dividem hoje os benefícios do crescimento do mercado doméstico e internacional através das exportações.

A redução das taxas de juros internacionais é um objetivo que deveria figurar nos manuais de boas condutas recomendadas pelos técnicos da mesma maneira que os figurinos de austeridade para os países pobres. É preciso explorar o potencial aberto por uma nova ordem econômica internacional proporcionada pela baixa nos preços das matérias-primas, como forma de resgatar a miséria que envolve vastas faixas de seres humanos no globo terrestre, e também no Brasil.